FACULDADE DE EXCELÊNCIA – UNEX – ITABUNA

Larissa Santos Brandão, Samile Oliveira Brito e Safhira Lisboa Oliveira

O Uso de Psicotrópicos no Sistema Único de Saúde (SUS): Uma Revisão de literatura

ITABUNA – BA

2025

Larissa Santos Brandão, Samile Oliveira Brito e Safhira Lisboa Oliveira

O Uso de Psicotrópicos no Sistema Único de Saúde (SUS): Uma Revisão Literária

Trabalho de Conclusão de Cursoapresentado à Unex Faculdade deExcelência Itabuna, como exigênciaParaobtenção do grau de bacharel**.**

Orientador: Prof. Ms. Gisele Dias da Silva

Itabuna – BA
2025

Larissa Santos Brandão, Samile Oliveira Brito e Safhira Lisboa Oliveira

O Uso de Psicotrópicos no Sistema Único de Saúde (SUS): Uma Revisão Literária

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unex Faculdade de Excelência Itabuna, como exigência Para obtenção do grau de bacharel**.**

Orientador: Prof. Ms. Gisele Dias da Silva

Aprovado em:

Orientador	**Data da defesa**
Avaliador	**Data da defesa**
Avaliador	**Data da defesa**

Itabuna – BA
2025

UNEX FACULDADE DE EXCELÊNCIA DE ITABUNA
CURSO: Farmácia e Piscologia

O Uso de Psicotrópicos no Sistema Único de Saúde (SUS): Uma Revisão Literária

The Use of Psychotropic Drugs in the Unified Health System (SUS): A Literature Review

Larissa Santos Brandão[1]
Samile Oliveira Brito[2]
Safhira Lisboa Oliveira [3]
Gisele Dias da Silva[4]

1. RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar os fatores que contribuíram para o uso excessivo de psicotrópicos entre mulheres atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), com foco em aspectos biológicos, sociais e institucionais. A pesquisa foi realizada por meio de uma análise integrativa da literatura, baseada em estudos publicados nas principais bases de dados científicas. Os resultados revelam uma prevalência acentuadado uso de piscotropicos por mulheres, especialmente em situações de vulnerabilidade social, como baixa condições como baixa escolaridade, desemprego, sobrecarga emocional e falta de apoio psicossocial. Os psicotrópicos são, muitas vezes, prescritos como uma forma rápida de lidar com o sofrimento psíquico decorrente de condições sociais adversas, sem que haja o devido acompanhamento multiprofissional ou a oferta de alternativas terapêuticas não medicamentosas. A análise mostra que essa prática se repete em diferentes regiões do país, refletindo fragilidade da rede de atenção à saúde mental no SUS, sobretudo na Atenção Primária.A pesquisa aponta para a necessidade de repensar as práticas de prescrição, incorporando abordagens mais humanizadas e interdisciplinares. A escuta sensível, a valorização do contexto de vida das pacientes e o fortalecimento das políticas públicas voltadas à saúde mental são essenciais para combater a medicalização excessiva. Conclui-se que o uso de psicotrópicos, como tem se configurado na prática atual, é uma resposta institucionalizada a problemas sociais complexos, exigindo mudanças estruturais para garantir um cuidado mais justo, ético e eficaz às mulheres usuárias do SUS.

Palavras – chave: Psicotrópicos; Sistema Único de Saúde (SUS); Saúde mental; Mulheres; Políticas públicas de saúde.

2. ABSTRACT

This study aims to analyze the factors that contribute to the excessive use of psychotropic drugs among women treated by the Unified Health System (SUS), focusing on biological, social and institutional aspects. The research was conducted through an integrative literature review, based on studies published in the main scientific databases. The results reveal a significantly higher prevalence of the use of these drugs by women, especially in situations of social vulnerability, such as low education, unemployment, emotional overload and lack of psychosocial support. Psychotropic drugs are often prescribed as a quick way to deal with psychological distress resulting from adverse social conditions, without proper multidisciplinary monitoring or the provision of non-drug therapeutic alternatives. The analysis shows that this practice is repeated in different regions of the country, reflecting the fragility of the mental health care system in the SUS, especially in Primary Care.The research points to the need to rethink prescription practices, incorporating more humanized and interdisciplinary approaches. Sensitive listening, valuing the life context of patients and strengthening public policies focused on mental health are essential to combat excessive medicalization. It is concluded that the use of psychotropic drugs, as it currently occurs, is an institutionalized response to complex social problems, requiring structural changes to ensure fairer, more ethical and effective care for women users of the SUS.

Keywords: Psychotropic drugs; Unified Health System (SUS); Mental health;; Women; Public health policies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7
1. METODOLOGIA..... 8
2. RESULTADOS..... 9
3. DISCUSSÃO..... 12
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 13
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO 14

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde mental é um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade. Considerando essa definição, a promoção de saúde mental pode ser realizada por diferentes atores, seja por serviços especializados de saúde, no ambiente escolar, profissional e familiar.

Na sociedade atual, a saúde pública enfrenta desafios cada vez mais complexos, especialmente no que se refere ao uso consciente de medicamentos. Entre esses desafios, um dos mais preocupantes é o uso excessivo de psicotrópicos, um fenômeno que tem afetado, com maior frequência, mulheres atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (DE SOUZA FARIAS et al., 2016). Essa realidade resulta de uma interação entre fatores biológicos, sociais e institucionais que precisam ser compreendidos para que se desenvolvam estratégias mais eficazes na promoção da saúde mental e do uso adequado dessas substâncias.

Ouso de psicofármacos com indicações adequadas e precisas, na dose certa e no tempo corretoé essencial no tratamento de alguns transtornos mentais, no entanto, quando o uso é crônico e em doses acima do recomendado pode-se observar efeitos adversos e tóxicos no organismo. O uso dos mesmos de maneira excessiva e irracional, sem uma adequada indicação, além dos danos para a saúde também aumenta os gastos do sistema de saúde, ocasiona prejuízos financeiros aos fundos públicos e impede investimentos em outras esferas da saúde (MARKEZ et al., 2004).

O consumo indiscriminado de psicotrópicos pode trazer consequências significativas, como dependência química, reações adversas e impactos na qualidade de vida das pacientes (NASARIO; SILVA, 2014). Nesse sentido, compreender os fatores que contribuem para essa realidade é fundamental para incentivar um uso mais responsável desses medicamentos e reduzir os riscos à saúde. Além disso, essa investigação se mostra essencial para embasar políticas públicas que assegurem a prescrição adequada de psicotrópicos no SUS, garantindo maior segurança e bem-estar às usuárias do sistema (DE SOUZA FARIAS et al., 2016).

Diante desse cenário, este estudo busca analisar os fatores que contribuem para a alta prevalência do uso de psicotrópicos entre mulheres atendidas pelo SUS,

explorando os aspectos biológicos, sociais e institucionais que influenciam essa situação. Para isso, será adotada uma abordagem metodológica que possibilite uma análise crítica e aprofundada sobre o tema, considerando a literatura científica disponível e os dados de saúde pública relacionados à prescrição e consumo dessas substâncias (NASARIO; SILVA, 2014).

A estrutura deste trabalho está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica, abordando os principais conceitos sobre psicotrópicos, saúde mental e os determinantes sociais do uso de medicamentos. No segundo capítulo, detalha-se a metodologia empregada na pesquisa. O terceiro capítulo expõe os resultados obtidos e discute suas implicações. Por fim, são apresentadas as considerações finais, destacando as principais contribuições do estudo e sugestões para futuras pesquisas na área.

Com essa pesquisa, espera-se contribuir para uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno e subsidiar políticas públicas e práticas clínicas mais eficazes, promovendo um cuidado em saúde mental mais responsável, acessível e equitativo para as mulheres atendidas pelo SUS.

1. METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma Revisão Integrativa da Literatura, com o objetivo de analisar os resultados de pesquisas já publicadas sobre o uso de psicotrópicos no Sistema Único de Saúde (SUS). Busca-se responder à seguinte questão norteadora: Há uma tendência de maior uso de psicotrópicos entre mulheres atendidas pelo SUS? Caso exista, quais fatores podem estar associados a esse padrão?Os artigos para fazer essa revisão foram pesquisados nas seguintes plataformas: Google Acadêmico, LILACS, no portal de periódicos da CAPES e no banco de dados BVS. Ao utilizar as palavras-chave como “psicotrópicos”, “SUS”, “mulheres” e “prevalência”, foram identificados aproximadamente 5.960 resultados no Google Acadêmico e somando os resultados das demais plataforma foram encontrados 133 artigos sobre essa temática, foram então aplicados critérios de inclusão e exclusão previamente definidos.

Nesse contexto, foram considerados estudos que abordassem o uso de psicotrópicos no SUS, artigos que investigaram populações atendidas pelos serviços públicos de saúde no âmbito da Atenção Primária em Saúde (APS), que também foram

feitos em UBS de alguma cidade, estudos que analisaram o perfil desses usuários ou que apresentavam características como, sexo, faixa etária, situação de emprego/desemprego, grau de escolaridade, diagnóstico de doenças crônicas e ausência de transtorno mental diagnosticado, ou artigos que comparava a prevalência de uso entre homens e mulheres e foram excluídos os estudos que abordavam psicotrópicos sem relação com o SUS ou com alguma Unidade Básica de Saúde (UBS), aqueles que tratavam de fármacos específicos e os que apresentavam duplicidade.

Após a aplicação desses critérios, oito artigos foram selecionados para a análise detalhada, permitindo uma investigação aprofundada sobre a prevalência do uso de psicotrópicos entre mulheres atendidas pelo SUS e os fatores associados a esse padrão.

2. RESULTADOS

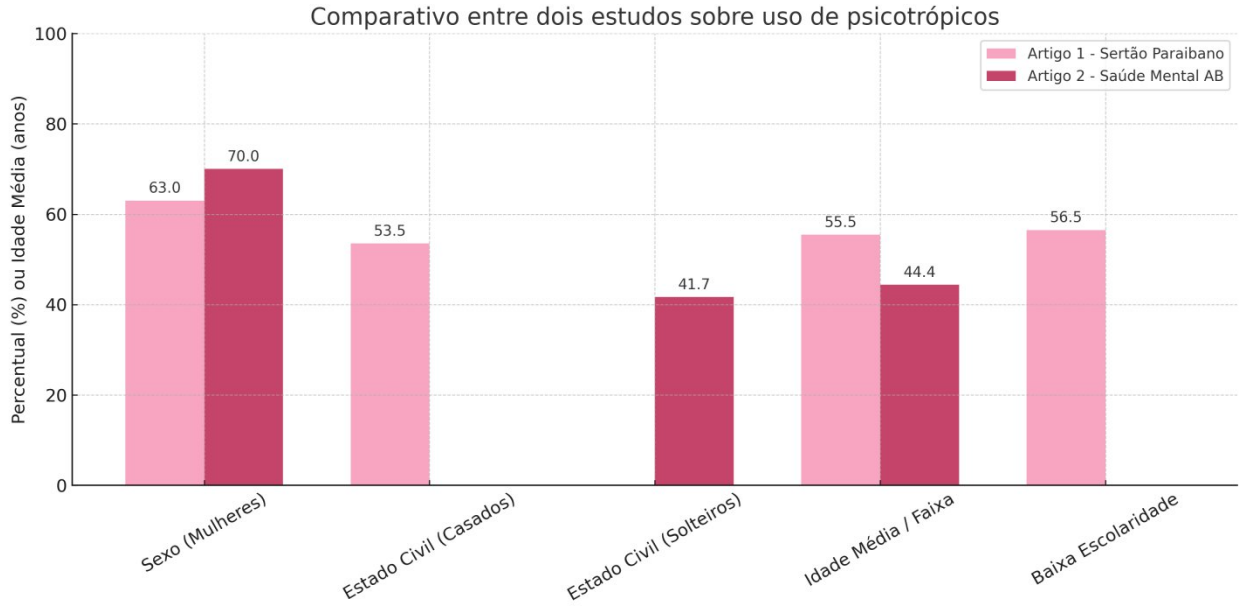
A análise dos estudos selecionados nesta revisão revelou um padrão recorrente e preocupante: a prescrição e o consumo de psicotrópicos no âmbito do SUS apresentam-se significativamente mais frequentes entre mulheres, especialmente aquelas inseridas em contextos de vulnerabilidade social. Fatores como baixa escolaridade, desemprego e acúmulo de responsabilidades familiares se mostram fortemente associados a essa realidade. Vale destacar que essa tendência não se restringe a uma localidade específica, sendo observada em diferentes regiões do país, com maior incidência em áreas periféricas e municípios do interior.
De forma geral, os achados indicam que as mulheres não figuram como principais usuárias desses medicamentos apenas em virtude de diagnósticos psiquiátricos formais. Muitas vezes, os psicotrópicos são prescritos como resposta institucionalizada a sofrimentos cotidianos marcados pela sobrecarga emocional, pelas desigualdades de gênero e pelas múltiplas exigências impostas à vida doméstica e ao cuidado de terceiros (OLIVEIRA et al., 2020). Essa medicalização do sofrimento social revela uma estratégia de alívio rápido,mas que não atinge as raízes complexas e estruturais das vivências psíquicasdessas mulheres.

O estudo de Araújo et al. (2024), realizado em uma farmácia básica no sertão paraibano, identificou um número expressivo de prescrições de psicotrópicos –

sobretudo antidepressivos e benzodiazepínicos – destinadosmajoritariamente a mulheres. A pesquisa chama atenção para a ausência de acompanhamento multiprofissional e para a escassez de alternativas terapêuticas não medicamentosas, o que contribui para o uso prolongado desses fármacos, frequentemente sem a reavaliação necessária.

De maneira semelhante, Fernandes et al. (2019) apontam para a ausência de diretrizes clínicas claras quanto ao uso de psicotrópicos na Atenção Básica, o que favorece práticas de prescrição repetitivas e pouco fundamentadas. Além disso, a pesquisa destaca a comunicação deficitária entre profissionais de saúde e pacientes, o que compromete a adesão consciente ao tratamento e perpetua o uso crônico e muitas vezes desnecessário desses medicamentos.

Figura 1- Comparação entre estudos (indices sociodemográficos das participantes dos estudos)



A figura 1 ilustra a comparação entre os dois estudos voltados, destacando variáveis sociodemográficas como sexo, estado civil, faixa etária e escolaridade. No primeiro estudo, realizado em uma farmácia básica do sertão paraibano, observou-se predominância do sexo feminino (63%), maior concentração etária entre 51 e 60 anos (média estimada de 55,5 anos), maioria casada (53,5%) e com baixa escolaridade (56,5%). No segundo estudo, voltado à saúde mental na Atenção Básica, também

houve prevalência de mulheres (70%), média de idade inferior (44,43 anos) e maior proporção de indivíduos solteiros (41,7%). Os dados revelam diferenças relevantes no perfil dos usuários, as quais podem estar relacionadas às características regionais e ao modelo de assistência em saúde adotado nos contextos analisados.

Além disso, foram analisados dois artigos cujos dados foram obtidos por meio de entrevistas com os participantes, o que possibilitou identificar diferentes características sociodemográficas entre os usuários de psicotrópicos. O trabalho de Silva e Matos (2021) examina o uso de psicotrópicos entre mulheres idosas e destaca que muitas delas desconhecem a finalidade dos medicamentos que utilizam de forma contínua.

Observa-se, assim, uma tendência à prescrição de psicofármacos para lidar com sintomas associados ao envelhecimento, como tristeza, solidão e ansiedade, sem que sejam oferecidas abordagens psicossociais que acolham essas vivências de forma integral. A dimensão subjetiva do sofrimento psíquico é também evidenciada por Oliveira et al. (2020), que, por meio de relatos colhidos junto a mulheres atendidas na Atenção Primária à Saúde, apresentam a seguinte expressão simbólica: “é uma tempestade que vem destruindo tudo”.

Essa fala traduz, com sensibilidade, a intensidade do sofrimento vivenciado e revela que os psicotrópicos, embora ofereçam um alívio imediato, não constituem uma solução definitiva. Em muitos casos, geram uma dependência emocional e medicamentosa, que tende a ser reforçada pela fragilidade do acolhimentoclínico e social.

Dessa forma, os resultados desta revisão apontam para a necessidade urgente de uma abordagem mais crítica e humanizada na prescrição de psicotrópicos. Tal cuidado deve considerar não apenas os sintomas clínicos, mas os contextos de vida das pacientes, suas histórias, vulnerabilidades e formas de resistência. Promover uma atenção à saúde mental mais ética, equitativa e eficaz no SUS requer o fortalecimento de práticas interdisciplinares, a escuta sensível e o investimento contínuo em políticas públicas que reconheçam o sofrimento psíquico como uma experiência complexa, situada e socialmente determinada.

3. DISCUSSÃO

A análise comparativa entre os estudos evidencia diferenças significativas no perfil sociodemográfico dos usuários de psicotrópicos atendidos em contextos distintos do Sistema Único de Saúde (SUS). No estudo realizado no sertão paraibano, os dados apontam maior prevalência entre mulheres em idade mais avançada, predominantemente casadas e com baixa escolaridade, o que pode estar associado a fatores como menor acesso à informação, dependência econômica e dificuldade de acesso a serviços especializados de saúde mental. Por outro lado, o estudo voltado à Atenção Básica demonstra um público também majoritariamente feminino, porém com idade média inferior e maior proporção de solteiros, o que pode refletir mudanças no padrão de adoecimento psíquico, nas relações sociais e na busca por atendimento psicológico em estágios mais precoces.

Essas diferenças podem ainda estar relacionadas às características regionais, à organização dos serviços de saúde, ao perfil dos profissionais envolvidos no cuidado e às estratégias de acolhimento desenvolvidas em cada local. Tais resultados reforçam a importância de políticas públicas que considerem as especificidades locais e sociodemográficas na formulação de ações voltadas à promoção da saúde mental e ao uso racional de psicotrópicos.A análise dos dois estudos qualitativos evidencia que, apesar das diferenças no perfil das participantes — sendo um com mulheres de diferentes faixas etárias e outro voltado exclusivamente para mulheres idosas —, ambos apontam o sofrimento psíquico como fator central no uso contínuo de psicotrópicos.

Em ambos os contextos, as mulheres enfrentam sobrecarga de tarefas, estresse emocional e ausência de alternativas terapêuticas, o que reforça a medicalização como estratégia comum diante das dificuldades da vida cotidiana. No estudo com mulheres mais jovens, destaca-se a violência em relações afetivas e a sobrecarga no papel de cuidadora, enquanto no estudo com idosas, são mais presentes as privações econômicas, perdas e a solidão. Esses dados sugerem que, apesar das particularidades de cada faixa etária, o uso de psicotrópicos tem sido uma resposta institucionalizada a questões sociais profundas, escancarando a fragilidade da rede de apoio psicossocial no cuidado à saúde mental feminina.

Nesse sentido, os estudos convergem ao apontar a urgência de se repensar as práticas de cuidado em saúde mental no SUS, especialmente no que tange ao acolhimento das mulheres. A escuta qualificada, o fortalecimento das equipes multiprofissionais e a articulação entre os diferentes níveis de atenção são estratégias essenciais para romper com o ciclo da medicalização e promover formas de cuidado mais éticas, críticas e contextualizadas. Em síntese, a discussão dos achados reforça que o uso de psicotrópicos, tal como se apresenta, não é apenas uma questão clínica, mas profundamente social. Reconhecer isso é um passo fundamental para a construção de políticas e práticas de saúde mental mais justas, sensíveis às realidades vividas pelas mulheres e comprometidas com a transformação estrutural das condições que produzem sofrimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa mostram que o uso de psicotrópicos entre mulheres atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) vai além de diagnósticos psiquiátricos formais. Trata-se de uma prática influenciada por fatores sociais, econômicos e culturais que moldam as experiências de sofrimento psíquico feminino. A medicalização da vida cotidiana, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, se consolida como resposta institucional ao sofrimento, muitas vezes sem oferecer alternativas terapêuticas eficazes e humanizadas.

A análise dos estudos revisados revelou a predominância de prescrições a mulheres em diferentes fases da vida, marcadas por sobrecarga emocional, solidão, violência doméstica, pobreza e desigualdade de gênero.

Essa realidade aponta para a fragilidade das redes de apoio psicossocial, bem como para a carência de políticas públicas que reconheçam a complexidade dessas vivências.Diante disso, reforça-se a necessidade de um olhar mais crítico sobre as práticas de prescrição no SUS, priorizando estratégias de cuidado integral e interdisciplinar. Investir na formação continuada de profissionais de saúde, ampliar o acesso a atendimentos psicossociais e fortalecer a escuta qualificada são ações fundamentais para garantir um cuidado mais ético, equitativo e transformador.

Conclui-se, portanto, que repensar o uso de psicotrópicos no SUS, especialmente entre mulheres em situação de vulnerabilidade, é essencial para promover uma saúde mental que considere não apenas os sintomas, mas os contextos de vida, as subjetividades e

os direitos das pacientes. A superação da medicalização excessiva requer políticas públicas comprometidas com a dignidade, a justiça social e o fortalecimento do cuidado em liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PINHEIRINHO, Vale/RS.Redução do uso indiscriminado de psicotrópicos no Sistema Único de Saúde (SUS): ações de promoção em saúde em Pinheirinho do Vale/RS.Artigo científico — Pós-Graduação em Saúde Pública, 2024.

NASARIO, Marcela; SILVA, Milena Mery**. O consumo excessivo de medicamentos psicotrópicos na atualidade.** Artigo científico-Pós-Graduação de Saúde Mental e Atenção Psicossocial no Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, 2014.

SECRETARIA DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL. Diretoria de Saúde Mental. Disponível em: https://www.saude.df.gov.br/diretoria-saude-mental. Acesso em: 24 de Fevereiro de 2025**.**

SOUZA FARIAS, Marina et al. **USO DE PSICOTRÓPICOS NO BRASIL:** UMA REVISÃO DA LITERATURA. BIOFARM-Journal of Biology &Pharmacy and Agricultural Management, v. 12, n. 4, p. 6-10, 2016.

ARAÚJO, T. S., SILVA, R. A., SOUZA, L. F., & ALMEIDA, M. C. (2024). ESTUDO DAS PRESCRIÇÕES DE PSICOTRÓPICOS DISPENSADOS EM UMA FARMÁCIA BÁSICA DO SERTÃO PARAIBANO. REVISTA DE SAÚDE COLETIVA, 29(1), 1-10.

SILVA, M. G., & MATOS, A. L. (2021). ENVELHECIMENTO FEMININO E MEDICALIZAÇÃO: USO DE PSICOTRÓPICOS POR MULHERES IDOSAS. REVISTA BRASILEIRA DE SAÚDE MENTAL, 13(2), 5-15.

OLIVEIRA, L. F., SANTOS, P. R., LIMA, C. M., & ROCHA, D. A. (2020). “É UMA TEMPESTADE QUE VEM DESTRUINDO TUDO”: SOFRIMENTO PSÍQUICO E MEDICALIZAÇÃO NA VIDA DE MULHERES. REVISTA PSICOLOGIA E SOCIEDADE, 32(4), 10-15.

FERNANDES, A. P., COSTA, R. M., SILVA, E. C., & BARRETO, J. S. (2019). SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO BÁSICA COM USUÁRIOS DE PSICOTRÓPICOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES. CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA, 35(3), E00211518.